



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-negacionismo-na-comunicacao-politica-da-rede-bolsonarista>

O negacionismo na comunicação política da rede bolsonarista é uma artimanha estratégica comunicacional ou mero acaso? Um ensaio teórico a partir de conceitos freudianos

Rafael Rodolfo Sartorelli Sadocco¹

Suelen Aparecida de Souza Fernandes²

Helen Regina José da Silva³

RESUMO: Este trabalho visita as comunicações do presidente Jair Messias Bolsonaro e de sua rede de apoiadores para analisar se o êxito de suas estratégias comunicacionais durante a pandemia de Covid-19 foi mérito de narrativas bem planejadas ou fruto do acaso. Para analisá-las, tomou-se como base os conceitos desenvolvidos por Sigmund Freud, tais como a ideia de negação, perseguição e mal-estar civilizatório. Pela profundidade do tema e interdisciplinaridade proposta, optou-se por fazer um Ensaio Teórico, permitindo uma amplitude maior para a discussão. Foram desenvolvidas análises que apresentam a correlação entre as comunicações feitas pelo presidente e seus apoiadores e os conceitos freudianos. Observou-se que o apoio do qual ainda goza o atual presidente aparenta estar mais voltado a uma identificação pessoal de seus apoiadores do que na eficiência das estratégias comunicacionais adotadas pelo mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Bolsonarismo. Negacionismo. Freud.

Is the denial in political communication of the pocketbook network a strategic communicational trick or is it mere chance? A theoretical essay based on Freudian concepts

ABSTRACT: This work visits the communications of President Jair Messias Bolsonaro and his network of supporters to analyze whether the success of his communication strategies during the Covid-19 pandemic was due to well-planned narratives or the result of chance. To analyze them,

¹ Doutorando em Administração, Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM. Mestre em Administração, Universidade Federal de Lavras – UFLA. E-mail: rafael.sadocco@acad.espm.br.

² Mestra em Administração Pública, Universidade Federal de Lavras – UFLA. E-mail: suelensouzaadm@hotmail.com.

³ Bacharela em Psicologia, Universidade Paulista – UNIP. E-mail: helenregina04.hr@gmail.com.



the concepts developed by Sigmund Freud were taken as a basis, such as the idea of denial, persecution and civilizing malaise. Due to the depth of the theme and the proposed interdisciplinarity, it was decided to carry out a Theoretical Essay, allowing a greater amplitude for the discussion. Analyzes have been developed that show the correlation between the communications made by the president and his supporters and Freudian concepts. It was observed that the support that the current president still enjoys seems to be more focused on a personal identification of his supporters than on the efficiency of the communication strategies adopted by him.

KEYWORDS: “Bolsonarismo”. Denialism. Freud.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19, iniciada na China no final de 2019, acabou por se desdobrar em um estado de exceção social em todo mundo, que além de escancarar as inúmeras dificuldades no manejo de políticas protetivas, também impetrou o sentimento de indeterminação frente à ameaça de um vírus silencioso e fatal (URZÚA *et al.*, 2020). Nesta conjuntura, diversos atores como acadêmicos, pesquisadores, agentes públicos, entre outros, partem de inúmeras premissas para compreender o comportamento da sociedade perante uma ameaça que já ceifou mais de 600 mil vidas apenas no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). Um dos motivos que poderia gerar maior desconforto nessa compreensão seria a da constante recusa de pessoas a aceitarem e assumirem os riscos provocados por essa doença tão perniciosa (URZÚA *et al.*, 2020).

Essa tendência de rejeitar a seriedade da doença, presente nos mais variados grupos sociais, já foi constantemente debatida por múltiplos autores em diversos campos do conhecimento (ROY; SINHA, 2020). Contudo, deve-se pontuar que o descarrilamento da epidemia não é apenas fruto dos comportamentos individuais irresponsáveis e negacionistas, mas igualmente, oriunda de um somatório de atitudes deliberadamente equivocadas por parte de ocupantes de altos cargos políticos. Esses, mesmo agindo na contramão da ciência e das orientações das mais credenciadas organizações médicas, eximiram-se de pensar estratégias adequadas cientificamente, buscando uma imunização de rebanho (CALIL, 2021) que resultou na perda de milhares de vidas humanas.



Todavia, muitos desses gestores públicos ainda gozam de suntuoso prestígio perante uma significativa parcela da sociedade. Um desses agentes políticos, o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, cometeu ininterruptos erros na condução da pandemia, ao agir de maneira grosseiramente populista, o que culminou tanto na sua repulsa internacional, como na formação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, que já levantou ao menos 20 crimes praticados por esse líder (CALIL, 2021; WILLIAMS; KESTENBAUM; MEIER, 2020; AGÊNCIA SENADO, 2021).

Não obstante, nota-se que ao longo de 2020 e início de 2021, os órgãos responsáveis pela comunicação do Presidente e seus apoiadores mais próximos adotaram sistematicamente um compilado de narrativas que distorcem a realidade no combate ao vírus. Essas, por mais descabidas, foram em grande parte aceitas e reproduzidas por seus apoiadores (AMARAL, 2021). Em paralelo, os índices de aprovação desse governante permaneceram relativamente altos, na casa dos 35%, sendo que 24% a consideram como uma gestão “ótima” ou “boa”, ainda que o número de mortes fosse, tanto em números absolutos como proporcionais, um dos mais altos do mundo (GAZETA DO POVO, 2021).

1.2 Objetivos, justificativa e proposta

Perante esse visível contrassenso, este ensaio teórico tem como objetivo geral responder a seguinte pergunta: de que forma o negacionismo, exercido no contexto da comunicação política do bolsonarismo, pode ser entendido à luz dos conceitos freudianos?

Para esse objetivo, perscruta-se refletir sobre os seguintes tópicos: (i) se o duplo movimento em aceitar mentiras patentes e a recusa em culpabilizar agentes políticos (especificamente no caso do presidente e seus apoiadores eleitos que reproduzem suas falas) está associado ao êxito das estratégias comunicacionais (geralmente no formato digital), criadas diretamente por esse grupo político; ou (ii) se o grau de facciosismo em um número elevadíssimo de pessoas já as colocaria em uma situação de predisposição à aceitação de qualquer história, o que não presumiria mérito aos bolsonaristas, ou ainda, se (iii) seriam uma combinação dos dois.

Assim, a principal contribuição deste trabalho é verificar se há de fato mérito na estratégia comunicacional bolsonarista, norteadas por um pensamento de marketing estratégico bem elaborado e convincente, que refletiria o êxito de sua reprodução pela população, além de



assegurar popularidade ao presidente. A outra hipótese consideraria a possibilidade de existirem características psicológicas mais profundas em uma parte da grande massa, que resultariam nessa simpatia pelo grupo político, independentemente de quais fossem as comunicações adotadas. Isso, de certa forma, classificaria as estratégias comunicacionais como irrelevantes, uma vez que a “devoção” ao *mito* do presidente já se formou anteriormente à posse. Em outras palavras, quaisquer falas por ele emitidas seriam aceitas.

A resolução dessa questão é relevante para o debate acadêmico por dois motivos. A primeira, porque muitos autores e jornalistas reforçam que o bolsonarismo se sustenta exatamente por meio da sua estratégia comunicacional, fortemente embasada em *fake news* (CALIL, 2021; PAULINO; WAISBORD, 2021; CESARINO, 2019a; CESARINO, 2019b), colocando o receptor da mensagem como um sujeito persuadido por elas *a posteriori* e não *a priori*. Evidentemente, há uma cisão gigantesca entre ambas as percepções e suas consequências seriam importantes para diversos tipos de profissionais, como cientistas políticos, sociólogos, marqueteiros políticos, psicólogos, acadêmicos, jornalistas e tantas outras categorias.

O segundo motivo que justifica este trabalho se dá em razão das contribuições que ele pode trazer para o debate acadêmico em volta do conceito de comunicação política, pensada pela perspectiva estratégica. A comunicação política é um dos pilares das administrações públicas e a utilização desse recurso, por meio das redes sociais, tornou-se fundamental para a manutenção da democracia digital (ROTHBERG; VALENÇA, 2014).

Para iniciar essa incursão, apresentar-se-á nas próximas linhas o referencial teórico, que abrangerá, inicialmente e de maneira abreviada, os pontos centrais da discussão em torno da comunicação política. Elenca-se também alguns conceitos freudianos entendidos pelos autores deste trabalho como adequados para investigar o problema, dada a sua historicidade e ampla aceitação na sociedade.

Na sequência, será realizada a análise da relação de tais conceitos com as falas públicas feitas pelo atual presidente da república e seus apoiadores, considerando como recorte metodológico as comunicações ocorridas após o início da pandemia de Covid-19. Ressalta-se que por se tratar de um ensaio teórico, o caminho metodológico não é necessariamente traçado e percorrido como nas



demais propostas (MENEGETTI, 2011). E por fim, serão apresentadas algumas considerações finais e possível caminhos para a realização de pesquisas futuras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Comunicação Política e negacionismo

A comunicação de atores políticos, por meio de ações e falas inusuais, não é uma particularidade brasileira. Tal fato se apoia na necessidade de construção da imagem de uma pessoa pública no âmbito do cenário político, visando a conquista e/ou manutenção de uma posição perante o eleitorado. Nesse contexto, o estudo da comunicação política se faz relevante e tem ganhado cada vez mais espaço, não somente no debate público, mas igualmente na academia (MACEDO; ROSA, 2014).

Embora o conceito de comunicação política tenha evoluído ao longo do tempo (CANAVILHAS, 2009), ainda não encontrou a clareza conceitual necessária, sendo utilizado “com múltiplos significados, frequentemente conflitantes, dependendo do país, do autor e do contexto” onde é adotado (MACEDO; ROSA, 2014, p. 4). Ressalta-se ainda que tal conceito é frequentemente confundido com comunicação eleitoral, marketing político e marketing eleitoral, não existindo limites claramente definidos entre eles (TESSEROLI; PANKE, 2021).

Matos (2006) visava dar clareza a esses conceitos, afirmando que a Comunicação Política supera a comunicação governamental, eleitoral ou voltada para o marketing político. Joana Fernandes (2010, p.124) o complementa ao afirmar que:

[...] a comunicação política é um elemento determinante e transversal ao marketing político e, tal como assistimos a uma multiplicidade de definições deste último, também coexistem diferentes posicionamentos que a comunicação entre eleitos e eleitores pode assumir, da propaganda à compreensão mútua [...].

Por sua vez, Lennon pontuaria que a comunicação política está muito mais relacionada ao “campo de estudo que inclui a atividade de certas pessoas e instituições especializadas (políticos, jornalistas e opinião pública) que têm por objetivo facilitar o intercâmbio e a divulgação de



informações, ideias e atitudes em determinados assuntos públicos” (LENNON; 2014, p. 186-187, tradução livre).

Tal como destaca Barnett (1997 apud CANAVILHAS; 2009), a comunicação política possui um papel relevante no funcionamento dos sistemas democráticos por estar focada em alguns fundamentos da democracia tal como a *cidadania do conhecimento*, compreendida como o acesso à informação relevante não distorcida, ou o livre acesso aos espaços de debate onde os cidadãos podem deliberar e desenvolver os seus próprios argumentos. Assim, as redes sociais se tornam grandes aliadas desse processo ao permitir que as informações sejam disseminadas por um grande número de pessoas instantaneamente. Entretanto, também abre espaço para a promoção de notícias falaciosas, ou seja, notícias criadas de maneira propositalmente enganosa (MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2020), indo na contramão desse fundamento.

Segundo Massarani, Leal e Waltz (2020), a repetição contínua de textos e imagens desconectados da realidade faria com que pessoas pudessem se familiarizar com a informação falsa, tomando-a como verdadeira. Esse assunto se tornou um dos principais problemas contemporâneos, fazendo com que a UNICEF a considerasse uma “infecção real de desinformação” (UNITED NATIONS CHILDREN’S FOUNDATION, 2019 apud MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2020, p. 2), minimizando a gravidade de doenças (MASSARANI; LEAL; WALTZ, 2020).

A combinação na utilização de diversos tipos de plataformas midiáticas digitais vem sendo usado por inúmeros governos, que investem pesado em muitas ou até mesmo em todas elas (YouTube, Facebook, Twitter, Instagram, etc.), unificando as pautas e informações fornecidas por meio de entrevistas em mídias tradicionais. Em tempos curtos, as assessorias de imprensa de governos e políticos publicam dezenas de links para divulgar fatos (teoricamente) pertinentes à administração, mantendo o político em evidência. Obviamente, com a necessidade de se prover um alto volume de material para abastecer as redes, o conteúdo acaba fraquejando, principalmente, quando fogem da compreensão técnica dos políticos e de seus assessores.

Contudo, seria lógico esperar que os destinatários dessas mensagens identificassem a ausência de fundamentação científica, e, portanto, rapidamente as rejeitassem, fato que não tem ocorrido. Muito pelo contrário. A aceitação e reprodução desse material se tornou uma constante,



requerendo-se auxílio de outras áreas do conhecimento, como a Psicologia, para identificar as razões para isso.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Apresentação dos conceitos freudianos e aplicação desses

Um dos mais aclamados livros do século XX, *O mal-estar da civilização*, escrito por Sigmund Freud, foi lançado em 1930, abordando as relações entre cultura e sociedade. Nesse clássico, o autor austríaco aponta que a civilização sempre vai produzir, em maior ou menor grau, um mal-estar no ser sujeito. Esse mal-estar poderia estar associado a três níveis, que por sua vez, estariam envolvidos nas três limitações intrínsecas ao homem, sintetizando aquelas que seriam as fontes desse mal-estar. A saber: (i) a externalidade (ou o mundo externo ao sujeito), que estaria associada às ameaças provenientes da natureza; (ii) o corpo em seu limite de solução, que abrange a compreensão da perecibilidade corpórea, atrelada, portanto, às condições naturais e biológicas; e, (iii) a diferença entre os sujeitos, marcada pelo estranhamento aos demais, presente nas relações interpessoais (FREUD, 1996).

Esses três níveis poderiam se voltar contra os próprios indivíduos como forças de destruição esmagadoras e impiedosas (FREUD, 1996). Nota-se que essas limitações intrínsecas se apresentam de uma maneira permanente, havendo assim um *continuum* na presença das mesmas durante as etapas da vida do indivíduo. Observa-se que elas não são auto excludentes, podendo as três se manifestarem ao mesmo tempo (FREUD, 1996).

Percebe-se que quase um século depois da publicação desse clássico livro, um vírus surgido do outro lado do globo, infecta e abala justamente essas três instâncias, identificando-se sinais claros dos três níveis supracitados: a enorme dificuldade coletiva em lidar com uma ameaça invisível advinda da natureza, direcionando a culpa à agentes externos; a dificuldade incomensurável em aceitar a natural falibilidade corpórea, especialmente quando se admite que a sucumbência do corpo seria para uma doença nova de origem “culturalmente” díspar, gerando a falsa crença de possibilidade de superação do problema com base na força de vontade; e a escassa cooperação voluntária entre os indivíduos em se sensibilizarem para protegerem os demais da sua sociedade. Permitir-se-ia entender que as três limitações se encavalam neste contexto.



Um dos pontos que chamam a atenção neste debate é o de que a ideia de vivenciar um período biologicamente pandêmico, por si só, já tenderia a compelir nos sujeitos um mecanismo de defesa natural, uma atitude preventiva que traria no próprio indivíduo o interesse de se preservar, afastando-se do principal agente da pandemia (no caso, o vírus). Contudo no Brasil, principalmente entre apoiadores bolsonaristas (RESENDE, 2021), a gravidade da doença é continuamente minimizada, e os fluxos de autopreservação se dão exatamente no sentido oposto, como se fosse possível combater uma ameaça biológica com coragem e virilidade.

A psicanálise também aponta para mecanismos de defesa do psiquismo baseados na negação e distorção de uma realidade indesejável e dolorosa, a qual o sujeito não está preparado para suportar (FREUD, 2014). O conceito de negação, já havia sido esquadrihado anteriormente, mas é melhor estruturado no livro homônimo de Freud, de 1925, que de acordo com Carone (2014, *apud* RIPOLL; 2014), comporia uma das etapas da finalização do edifício freudiano. Sublinha-se que embora tenha sido publicado já em um período mais maduro do autor, e como dito, supostamente conclusivo, a obra na verdade seria responsável por indicar mais zonas obscuras da mente humana, inclusive catapultando leituras mais bem exploradas por Lacan (RIPOLL; 2014).

O tema é tão sombrio e ardiloso, que Freud comenta no livro a dificuldade vivenciada em apreender essa negação, a ponto do próprio sentir certa vergonha ao não ser capaz de avançar nas conclusões. Entender a negação exigiria entender a função do juízo, que em suma seria responsável por recusar ou aceitar uma qualidade qualquer e admitir ou contestar determinada manifestação do real, discernindo se tal representação tem vínculo com a realidade. Ao optar por abnegar um fato verídico, o sujeito afirma para si que a relação de sentido legítima é mais interessante quando suprimida, uma vez que, passivamente, o homem não teria condições de constituir o símbolo da negação, abstendo-se das consequências oriundas dessa rejeição ao óbvio. Em outras palavras, o juízo não delibera de acordo com a realidade pujante, dando maior valor às exigências hedônicas, e ignorando os desdobramentos dessa abnegação (FREUD, 2014; RIPELL, 2014).

Esse postulado de Freud (2014) tem um impacto significativo na história da ciência, ao findar com o pensamento cartesiano de racionalidade extremada, reduzindo a capacidade lógica inquebrantável da ciência, maculando permanentemente os raciocínios supostamente totalitários



e generalistas (RIPPOL, 2014). Para Safatle (2014), um elemento crucial para esta discussão se apresenta exatamente na indissociabilidade entre o sujeito psicológico e o sujeito do conhecimento. Dessa forma, conhecimento e interesses pessoais se sobreporiam, dando para as funções do julgamento caráter afetivo.

4. DISCUSSÃO

A negação é um aspecto que se faz fortemente presente nas comunicações bolsonaristas, que ao se debruçarem em uma realidade paralela, negaram a realidade, negaram a gravidade da doença, relativizaram os indicadores. Na conjuntura analisada, poder-se-ia indicar que os bolsonaristas desenvolveram algo em sua psique que os impediria de olhar e aceitar a realidade tal qual ela se apresenta, dando maior predileção para uma representação hedônica e fantasiosa. Assim, o juízo opta por contestar uma manifestação do real, permitindo que o sujeito bolsonarista não tenha que entrar em um conflito doloroso para si mesmo, que seria a aceitação da incompetência do líder. Isso fica mais fácil de ser explicado ao se entender que a realidade, por mais que seja apresentada, não é digerível, ou seja, não é apreendida. O juízo de um bolsonarista transfere todas as informações que lhe são desgostosas para o campo da negação, partindo dessa perspectiva, nenhuma argumentação lógica contra o presidente lhe seria compreensível.

Tal como defendido por Safatle (2014), o conhecimento e os interesses pessoais podem se sobrepor em dado momento. Esse aspecto pode ser percebido em uma das linhas narrativas adotadas pelos bolsonaristas: a apropriação de discursos de médicos e demais agentes sanitários que propunham caminhos antagônicos ao restante da academia, tais como: Osmar Terra, Anthony Wong, Priscilla Veríssimo, Anthony Ferrari, (os três últimos falecidos por Covid, e o primeiro ficou internado em estado grave por mais de duas semanas) etc. (PINHEIRO, 2020; CONGRESSO EM FOCO, 2020). Dessa forma, esses profissionais da ciência, movidos por seus próprios ideais e convicções, permitiriam que os seus sujeitos psicológicos se sobrepussem aos sujeitos do conhecimento, ou seja, escamoteariam o seu ideário científico, prestigiando e veiculando inverdades.

Safatle (2014) pontuaria que nesse contexto, os agentes sanitários, dotados de formação técnica e científica para reconhecerem os riscos da doença, as recalcam, negando a realidade comum



objetivada. O sujeito pensante sempre que se depara com um objeto, observaria que há nele algo inadequado, portanto, algo que o poderia escapar. Esse sujeito, enquanto cientista ao se deparar com a doença enquanto objeto na realidade, observa que há algo inadequada nela, que a deixa escapar propositalmente.

Destarte, a negação poderia advir tanto do eleitor bolsonarista na condição de receptor das informações, como também dos especialistas que propagariam informações alinhadas com a percepção do Planalto, negando a ciência e a metodologia científica, não reconhecendo os enormes riscos que isso poderia trazer aos seus pacientes, às suas carreiras e igualmente, às suas vidas.

Quadro 1 – Negação nas redes bolsonaristas e direcionamento da culpa

<i>Político e meio</i>	<i>Mensagem</i>	<i>Tipo de negacionismo</i>	<i>Culpados</i>
<i>Osmar Terra Twitter</i>	A gripe suína, H1N1, matou 2 pessoas a cada dia no Brasil em 2019. Este número, deve ser maior que as mortes que acontecerão pelo coronavírus aqui. E não se parou o país nem se destruiu a economia, como está acontecendo agora. É o fato e a versão do fato” (18/03/2020)	- Minimização do risco - Comparação disparatada	- Os que querem parar a economia; - Aos mal-informados;
<i>Gil Diniz, Carteiro Reação Twitter</i>	“Há cada 4 mortos por COVID-19 no Brasil, 1 é cidadão paulista. A imprensa vendida silencia, as medidas tomadas por João Dória já se mostraram ineficazes e letais.” (22/01/2021)	- Científico	- João Dória (Governador de São Paulo) - Imprensa
<i>Carla Zambelli Facebook</i>	“O caso da tuberculose e o crime do covid: fique em casa your ass A Tuberculose é uma doença respiratória potencialmente letal transmitida exatamente do mesmo jeito que o covid19: pessoas doentes soltam gotículas no ambiente ao tossir, espirrar ou falar, e essas gotículas passam o microrganismo de uma pessoa para outra. Mesmo tendo uma vacina disponível e um tratamento padrão de eficácia cientificamente comprovada, a tuberculose continua	- Comparação disparatada - Científico - Minimização	- Cientistas - Políticos - Apoiadores da vacina e do distanciamento social



	sendo a doença infecciosa mais mortal do mundo, ceifando a vida de mais de 1,5 milhão de pessoas a cada ano.” (11/08/2020)		
Jair Bolsonaro o Twitter	“Lembro à Nação que, por decisão do STF, as ações de combate à pandemia (fechamento do comércio e quarentena, p.ex.) ficaram sob total responsabilidade dos Governadores e dos Prefeitos” (08/06/2020)	Auto responsabilida de Culpa	STF Governadores Prefeitos

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Observando o que foi mencionado, percebe-se que diante de um fato tão duro quanto o colapso climático ou uma pandemia, entrar em negação pode ser considerada uma reação comum. Na atual conjuntura, os movimentos de recusa não somente aumentam o risco de infecção pelo vírus, mas também “contaminam” a sociedade psiquicamente, em decorrência de uma rede de identificações.

Esse fenômeno social é nocivo não apenas porque implica a produção e difusão em massa de teses controversas em relação a consensos científicos validados, mas também porque gera movimentos de recusa que provocam impactos diretos no comportamento de milhões de pessoas. Isso ocorre, sobretudo, quando tais conhecimentos inspiram políticas públicas destinadas a transformar comportamentos e modos de vida coletivos, os quais afetam interesses econômicos poderosos. Entretanto, a realidade a ser negada, no caso dos apoiadores bolsonaristas, não se limitaria a rejeitar a legitimidade e seriedade da doença, mas também, o fracasso gerencial e político de Jair Bolsonaro (AMARAL, 2021), tornando-se assim uma rejeição dupla e concomitante, onde a necessidade de apoiar a condução da política da crise, implica necessariamente em se negar a doença e suas consequências sociais.

Por conseguinte, o conceito freudiano poderia ser aplicado pelo fato de o negacionismo do líder resultar no negacionismo dos liderados, todavia, isso resultaria em uma outra dúvida: por que tal líder ascendeu ao poder? Freud também poderia responder essa pergunta, por meio de sua publicação de 1921, no trabalho intitulado *Psicologia de grupo e análise do ego*. Nele, Freud (1990) apontou que a seleção de um líder da massa, no caso o presidente da república, ocorreria sob certas condições, entre as quais, o reconhecimento de uma similaridade entre os membros dessa



massa e esse líder. Portanto, a escolha do representante consistiria, grosso modo, no mesmo desejo inconsciente ou no mesmo ódio a certas entidades, indivíduos ou grupos sociais (FREUD, 1990).

Na conjuntura brasileira-bolsonarista, esses ódios poderiam ser sintetizados na repulsa contra instituições, como o PT e o STF, contra pessoas, Lula, Alexandre de Moraes e Átila Iamarino, ou até mesmo, de maneira mais difusa, como contra os governadores e prefeitos e (FIGURAS 2, 3 e 4). Nesse aspecto, as narrativas de ódio serviriam para atender parte da população, desejante de nutrir sua repulsa pelos grupos odiados (AVRITZER, 2020).

Nota-se aqui uma característica bastante inquietante. A natureza original da assimetria entre o eleitorado bolsonarista era em grande parte pela ojeriza ao Lula enquanto indivíduo; ao PT enquanto grupo; e ao comunismo enquanto ideologia. Quando se inicia a pandemia, o discurso não-científico de Bolsonaro finca raízes (RESENDE, 2021), distanciando-se de todas as demais visões do mundo, inclusive de grupos de direita que o apoiaram antes da eleição e até o início da pandemia. A solução bolsonarista foi aproximar retoricamente todos aqueles que tinham uma percepção diferente de Bolsonaro na condução da pandemia desses grupos “considerados” comunistas e odiados, a fim de se manter a consistência entre Bolsonaro e seu discurso.

Ao analisarem as 200 postagens feitas por Bolsonaro que vinculavam a pandemia ao comunismo, Barbosa, Ely e Barbosa (2021) levantaram que elas tiveram mais de 763 mil interações. Segue-se a ela narrativa levantada de que Bolsonaro é um líder perseguido pelos demais, lutando sozinho contra um sistema que rejeita um tratamento precoce que salva vidas. Assim, sua paranoia, sua mania de perseguição ganham força nas postagens de seus apoiadores, estimulando instintos de defesa para com ele. A justificativa para tal se encontraria no livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, em que se percebe que as massas são movidas por ilusões, onde a ética se apoiaria no amor (CASTILHO, 2019). Ou seja, amar e proteger o presidente em um momento no qual ele está sendo atacado e perseguido seria o comportamento ético esperado, e jamais o questionar. Isso também evidencia a cobrança feita aos apoiadores para que saiam em defesa do presidente, atrelando essa atitude a uma atitude patriota. No Quadro 2, falas bolsonaristas são percebidas e encaixadas nos conceitos.



Quadro 2 – A representação do mal-estar e da perseguição em falas de bolsonaristas em mídias digitais e tradicionais

<i>Características</i>	<i>Comunicação política</i>
<i>Ameaças provenientes da natureza</i>	"Estamos preocupados, obviamente, mas não é uma situação alarmante". (26/01/2020) (BERALDO, 2020)
	"Tem a questão do Coronavírus, que no meu entender está sendo superdimensionado [...] o poder destruidor desse vírus". (09/03/2020) (G1, 2020)
	"E agora tem essa conversinha de segunda onda". (13/11/2020) (MACHADO, 2020)
<i>Percibilidade e corpórea</i>	"Pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria acometido, quando muito, de uma gripezinha ou resfriadinho..." (22/03/2020) (BBC, 2020)
	"Dizem que 60% dos brasileiros foram ou serão infectados, e a partir desse momento poderemos dizer que estamos livres do vírus, tendo em vista esse percentual grande de pessoas que conseguiram os anticorpos". (16/04/2020)
	"Pra vocês [mais jovens] a possibilidade de algo mais grave é próximo de zero". (07/07/2020) (SETUBAL, 2020)
	"Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar". (26/11/2020)
<i>Diferença entre os sujeitos</i>	"Eu tenho o direito constitucional de ir e vir. Ninguém vai tolher minha liberdade de ir e vir". (10/04/2020)
	"O Supremo decidiu que quem decide essas questões [de combate ao coronavírus] são governadores e prefeitos. Então, cobrem deles. A minha opinião não vale. O que vale são os decretos dos governadores e prefeitos". (29/04/2020) (PORTINARI; TRINDADE, 2020)
	"Quem assistiu Chernobyl vai entender o que ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa mais uma vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas que salvaria inúmeras vidas A culpa é da China e liberdade seria a solução". (Eduardo Bolsonaro, 18/03/2020) (BOLSONARO, 2020)
<i>Perseguição</i>	"É uma disputa política por parte desses caras, eu estou sozinho em um canto, apanhando de todo mundo. Grande parte da mídia, não são todos, muitos governadores, os chefes do Poder Legislativo, que é o da Câmara e o do Senado, batendo o tempo todo, é uma luta de poder". (16/03/2020) (FONSECA, 2020).
	"Tem certos governadores, tenho que criticar de novo, que estão tomando medidas extremas, que não competem a eles: fechar aeroportos, fechar rodovias... Não compete a eles". (20/03/2020)

Fonte: Elaborado pelos autores (2021).



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi identificar se existiam motivos para se acreditar que a aceitação do atual presidente Jair Bolsonaro está associada ao sucesso das estratégias de comunicação política executadas por ele e por seus apoiadores. Para responder esses desígnios, alguns conceitos do campo da psicologia foram brevemente apresentados e sintetizados nos termos que se seguem: o mal-estar dividido em ameaças da natureza, falibilidade corpórea e estranhamento ao outro; negação da realidade (verificar); a negação do líder e seus reflexos nos liderados; a perseguição; comportamento das massas e o ódio coletivo como fator agregador.

Todos esses conceitos foram encontrados na atual conjuntura pandêmica e demonstrados por situações manifestadas claramente. Igualmente, encontrou-se nas ações de comunicação promovidas pela rede de bolsonaristas atributos que parecem fortalecer os padrões psíquicos mencionados. Por exemplo, no que tange a predileção ao líder por conta de um ódio destinado à uma organização inimiga, mostra-se que houve uma série de tentativas de associar o período pandêmico e o vírus à uma ameaça comunista. Em outras palavras, os apoiadores seriam alienados pelos seus líderes – que na perspectiva freudiana – norteada imaginariamente pelo delírio de que a pandemia seria uma invenção proposital comunista, que mancomunada com governadores, visava prejudicar o governo do presidente.

Com isso, ainda seria possível apregoar a imagem de perseguido ao líder Bolsonaro, a fim de estimular em seus apoiadores a obrigação moral e patriótica de defendê-lo, e jamais questioná-lo. Nesse aspecto, associou-se características comunistas nos outros grupos políticos - obviamente nada comunistas -, expandindo e englobando apoiadores de outras ideologias às filosofias marxistas. Nesse bojo, englobou-se todos aqueles que pensam contrariamente ao presidente.

No que se refere à negação da doença, viu-se que há motivos para se acreditar que a sociedade de forma geral poderia estar relutante em aceitar a ameaça da natureza pela própria tipologia do mecanismo de negação, e da materialidade falível do corpo. Soma-se as afirmações passadas pelo presidente, asseverando que existe tratamento para a doença, reforçando esse aspecto da negação na sociedade, criando uma anteposição entre o presidente que não quer aceitar a morte, e que em



paralelo mostra aos seus seguidores que ela não é necessária, “bastaria não querer” (RESENDE, 2021). A repulsa ao outro, no caso os chineses, também operaria nesse sentido.

Ao longo desta digressão, percebeu-se que seria razoável aceitar que o discurso comunicacional da equipe bolsonarista foi acertado e que seu marketing soube se aproveitar de características da psique da massa para reforçar o apreço social ao presidente. A comunicação política transmite claramente as mensagens de agentes políticos, ampliando a percepção popular sobre como pensa determinado ator político e dando enorme visibilidade para ele. Há, contudo, um ponto de ressalva que deve ser feito: a estruturação das premissas que sustentam os discursos bolsonaristas se mostram um tanto quanto desconexos com a realidade, desapropriados de uma linha narrativa minimamente convincente, logo, não reproduzem em absolutamente nenhuma instância à realidade objetiva.

Todas as historietas disparadas pelo time do presidente e de seus apoiadores se debruçam cada vez mais em fantasias descaradas, irrealistas, fantasiosas e rapidamente desmentidas por grupos técnicos qualificados. Em outras palavras, ainda que a comunicação tivesse encontrado aceitação popular, ela só tem essa aceitação por parte daqueles que já estavam dispostos a acreditar no presidente e que já eram fortemente inclinados a procurar um líder inquestionável. Não há sinais mínimos de convertibilidade de uma narrativa fictícia em um relato lógico capaz de enganar pessoas que fossem minimamente reticentes ao bolsonarismo, o que demonstraria que os próprios autores dessa comunicação política também devem acreditar no que escrevem. Esse grupo de mensagens reproduzidos à exaustão dá a percepção de verdade, mas apenas para aqueles predispostos a acreditar. A psicologia é muito feliz em antecipar isso, principalmente no que foi encontrado no livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (FREUD, 1990).

Neste aspecto, demonstra-se que há a ideia de que existe uma ilusão coletiva, criada em torno do presidente e que isso se deu antes do início da pandemia, e este ponto é crítico para este esforço reflexivo: esta ilusão não foi necessariamente desenvolvida por ele nem por sua equipe de comunicação, mas fruto de uma combinação de fatores situacionais pré-eleição, no qual ele oportunamente se encontrava. Elementos como: a crise institucional que abalou tanto o PT como o Congresso, causada pela Lava Jato; a descrença coletiva no STF, a partir das transmissões dos julgamentos ao vivo e maior possibilidade da população de identificar e prever os votos dos



juízes; a expansão no consumo de tecnologia portátil (smartphones acompanhados de aplicativos como WhatsApp e Facebook que não consumiam os planos); analfabetismo político; analfabetismo digital; nostalgia fantasiada do período militar; as forças armadas como as únicas instituições confiáveis; a necessidade de buscar por um líder emancipador típica de religiões monoteístas; ampliação exponencial do número de igrejas evangélicas, dentre outros foram somados a elementos pós-eleição, como incontáveis erros na condução da pandemia por políticos favoráveis aos métodos restritivos no combate à pandemia; corrupção; dificuldade na retratação e adoção de discursos por parte da OMS, entre outros.

Esses fatos somados resultaram em uma idolatria desmedida pelo presidente que se reflete em sua comunicação política, e não apenas em sua comunicação eleitoral. Essa idolatria acaba por ser alimentada por roteiros fantasiosos, frutos da equipe de comunicação do presidente, mas que não goza de capacidade de convencimento ou sustentação sistemática. Os seguidores de Jair Bolsonaro provavelmente se manteriam fiéis com qualquer discurso apresentado por ele, desde que exista algum discurso. Portanto, como se viu, a comunicação política está devidamente associada à Comunicação Pública e Governamental, onde as redes sociais se misturam a fim de divulgar ações e posições políticas, muitas vezes distintas do real interesse social. Aqui, há um indício forte dos riscos que a democracia pode sofrer por conta desse abuso da utilização de mídias sociais, de maneira direta ou indireta.

Encerra-se postulando que as distorções nas falas presidenciais, reproduzidas à exaustão por seus correligionários, demonstram que é mais provável que ocorra um estado psicológico de negacionismo aos erros do executivo federal, movidos por ódio aos outros grupos e pelo medo incalculável de perder a última esperança (encarnada no próprio Presidente), tornando as estratégias comunicacionais menos relevantes, permitindo que fossem até formuladas a partir de qualquer conteúdo insonso, que o efeito seria o mesmo. Acredita-se que o êxito político do bolsonarismo não está associado com ele em si, nem às suas estratégias de se manter no poder, mas sim, em uma espécie de delírio coletivo, regado de medos e inseguranças (da morte, do estrangeiro, de assumir o erro pela torcida fanática, de perda da esperança) do que a capacidade comunicacional de sua equipe.



Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021

Este trabalho tem como principais limitações a própria proposta de ser um ensaio, o que o privou de uma metodologia robusta. Ficam assim como sugestões estudos qualitativos, como entrevistas em profundidade com bolsonaristas, buscando verificar e categorizar quais os valores e reações que eles têm em relação a cada publicação e como aquilo poderia contribuir ou não na disposição de se manter fiel ao presidente.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. CPI pode convocar ministros, prefeitos e governadores na próxima semana, 30 abr. 2021. **Senado Federal**. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/30/cpi-pode-convocar-ministros-prefeitos-e-governadores-na-proxima-semana>>. Acesso em 25 ago. 2021.

AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Jair Bolsonaro e a pandemia: notas sobre práticas idiotas. **Almanaque de Ciência Política**, v. 5, n. 1, p. 01-12, 2021.

AVRITZER, Leonardo. **Política e antipolítica: a crise do governo Bolsonaro**. Todavia, 2020.

BBC. 2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de 'gripezinha', o que agora nega. **BBC**, 27 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acesso em 25 nov. 2021.

BERALDO, Paulo. “Não é uma situação alarmante”, diz Bolsonaro sobre o coronavírus. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 20 jan. 2020. Disponível em: <<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,nao-e-uma-situacao-alarmante-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus,70003173424>>. Acesso em 25 nov. 2021.

BOLSONARO, Eduardo. **Quem assistiu Chernobyl...** Twitter.: @EduardoBolsonaroSP. Disponível em: <<https://twitter.com/bolsonarosp/status/1240286560953815040>>. Acesso em 25 nov. 2021.

BOLSONARO, Jair. **Alguns jornalistas idiotas criticaram o churrasco FAKE, mas o MBL se superou, entrou com ação na justiça**. 09 mai. 2020. Facebook: Jair Messias Bolsonaro. Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/1915313918617585>>. Acesso em: 20 ago. 2021.



Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021

BOLSONARO, Jair. **Lembro a nação...** Twitter: @jairbolsonaro. 08 jun. 2020. Disponível em: < <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1269942255298777095> >. Acesso em: 20 out. 2021.

BRANDÃO, Elizabeth. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, J (Org.). **Comunicação Pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2007.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n.140, p. 30-47, 2021.

CASTILHO, Pedro Teixeira. O SINTOMA SOCIAL NA PSICANÁLISE: DA DEMOCRACIA À ANOMIA. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 144-153, maio, 2019.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019a.

CESARINO, Letícia. On digital populism in Brazil. **Political and Legal Anthropology Review – Ethnographic Explainers**, 15 abr. 2019b.

CLETO, Murilo Prado; CORRÊA, Murilo Duarte Costa. A hipótese bolsonarista: as trincheiras e as linhas. **Lugar Comum–Estudos de mídia, cultura e democracia**, n. 54, p. 287-312, 2019.

CONGRESSO EM FOCO. Osmar Terra é o parlamentar que mais publica fake news sobre covid-19, aponta levantamento. **UOL**. 15 abr. 2020. Disponível em: < <https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/osmar-terra-e-o-parlamentar-que-mais-publica-fake-news-sobre-covid-19-aponta-levantamento/> >. Acesso em 30 abr. 2021.

DINIZ, Gil. **Há cada 4 mortos por...** Twitter: @careteioreaca. Disponível em: < https://twitter.com/carteioreaca?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor >. Acesso em: 20 ago. 2021.

EVANGELISTA, Simone; SÁ, Simone Pereira de. Gêneros musicais, conservadorismo e nacionalismo: trilhas sonoras da convocação a atos políticos em defesa da presidência brasileira. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 44, p. 175-188, 2021.

FERNANDES, Joana Lobo. 2010. Marketing Político e Comunicação (Política). **Conceitos de Comunicação Política**. João Carlos Correia, Gil Batista Ferreira, Paula Espírito Santo, 117–126. Livros LabCom.

FONSECA, Pedro. Bolsonaro fala em "luta de poder" e diz que isolar chefe do Executivo seria golpe. Reuters, Brasil, 16 mar. 2020. Disponível em: < <https://www.reuters.com/article/saude-coronavirus-bolsonaro-idLTAKBN2132RP>>. Acesso em 25 nov. 2021.

FREUD, Sigmund (1921). **Psicologia de grupo e análise do ego**, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.



FREUD, Sigmund (1930[1929]). **O mal-estar na civilização**, in: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1930[1929]).

FREUD, Sigmund. **A negação**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2014.

G1. Bolsonaro diz que 'poder destruidor' do coronavírus 'está sendo superdimensionado', São Paulo, 09 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/09/bolsonaro-diz-que-poder-destruidor-do-coronavirus-esta-sendo-superdimensionado.ghtml>>. Acesso em 25 nov. 2021.

GAZETA DO POVO. 35% aprovam governo do presidente Jair Bolsonaro, diz pesquisa. **Gazeta do Povo**, 30 abr. 2021. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-gestao-e-aprovada-por-35-dos-entrevistados-diz-pesquisa/>>. Acesso em 30 abr. 2021.

LENNON, Federico. Elhomo digitales y la nueva realidad de las campañas electorales. In: RAFAELLI, Marina; MENDIETTA, Angelica. **IV Cumbre Mundial de Comunicación Política**. México: Soriano Editores, 2014.

MACEDO, Roberto Gondo; ROSA, Paulo César. A comunicação política no cenário democrático contemporâneo: um estudo comparativo da estrutura eleitoral brasileira e norte-americana. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. V.13, nº 26, 2014.

MACHADO, Renato. Bolsonaro diz que possibilidade de segunda onda da Covid é 'conversinha'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 nov. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/11/bolsonaro-diz-que-possibilidade-de-segunda-onda-da-covid-e-conversinha.shtml>>. Acesso em 25 nov. 2021.

MASSARANI, Luisa; LEAL, Tatiane; WALTZ, Igor. O debate sobre vacinas em redes sociais: uma análise exploratória dos links com maior engajamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, 2020.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Painel Coronavírus**. Disponível em <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em 29 abr. 2021.

NASCIMENTO, Thamires N.; SOARES, Rita. A Comunicação Pública nas Redes Sociais Digitais: Uma Análise do Facebook do Governo do Pará. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 10, p. 81297-81310, 2020.

PAULINO, Fernando Oliveira; WAISBORD, Silvio. Las narrativas del populismo reaccionario: Bolsonaro en Twitter durante la pandemia. **Mediapolis–Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, n. 12, p. 33-48, 2021.



Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021

PINHEIRO, V. Médico distorce dados sobre efeitos colaterais para desacreditar estudos da Coronavac. **O Estado de São Paulo**. 17 nov. 2020. Disponível em <<https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/medico-distorce-dados-sobre-efeitos-colaterais-para-desacreditar-estudos-da-coronavac/>>. Acesso em 30 abr. 2021.

PORTINARI, Natalia; TRINDADE, Naira. 'Tenho o direito constitucional de ir e vir', diz Bolsonaro, ao passear por Brasília e visitar hospital e farmácia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 abr. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/tenho-direito-constitucional-de-ir-vir-diz-bolsonaro-ao-passear-por-brasilia-visitar-hospital-farmacia-24364215>>. Acesso em 25 nov. 2021.

RESENDE, B. The fascist performances of Bolsonarismo. **Confluenze-Rivista Di Studi Iberoamericani**, p. 254-269, 2021.

RIPOLL, Leila. A negação freudiana: fissuras na razão cartesiana e na neutralidade científica. **Rev. Epos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, dez. 2014

ROTHBERG, Danilo; DA SILVA VALENÇA, Amanda. Comunicação Pública para cidadania no avanço das redes sociais oficiais. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 13, n. 26, 2014.

ROY, Deblina; SINHA, Krittika. Cognitive biases operating behind the rejection of government safety advisories during COVID19 Pandemic. **Asian journal of psychiatry**, v. 51, p. 102048, 2020

SAFATLE, V. Posfácio – Aquele que diz "não": sobre um modo peculiar de falar de si. In: *A negação*. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

SETÚBAL, Yasmim. 'Algo mais grave não quer dizer só morrer': especialistas reagem à fala de Bolsonaro sobre Covid-19 em jovens. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 jul. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/algo-mais-grave-nao-quer-dizer-so-morrer-especialistas-reagem-fala-de-bolsonaro-sobre-covid-19-em-jovens-24520697>>. Acesso em 25 nov. 2021.

SOARES, Ingrid. Bolsonaro critica governadores: 'Medidas extremas que não competem a eles'. *Correio Braziliense*, Brasília, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/20/interna_politica,835548/bolsonaro-critica-governadores-medidas-extremas-que-nao-competem-eles.shtml>. Acesso em 25 nov. 2021.

URZÚA, Alfonso *et al.* La Psicología en la prevención y manejo del COVID-19. Aportes desde la evidencia inicial. **Terapia psicológica**, v. 38, n. 1, p. 103-118, 2020.

WILLIAMS, Caitlin R.; KESTENBAUM, Jocelyn Getgen; MEIER, Benjamin Mason. Populist Nationalism Threatens Health and Human Rights in the COVID-19 **Response**, 2020.



Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021

ZAMBELLI, Carla. Facebook: Carla Zambelli. "**O CASO DA TUBERCULOSE E O CRIME DO COVID: FIQUE EM CASA YOUR ASS**". Disponível em: <
<https://www.facebook.com/ZambelliOficial/posts/3291138004310016> >. Acesso em: 20 ago. 2021.